

Análise do desempenho das empresas de Construção Civil listadas na B3

Cleber Broietti (UNESPAR)

Bruna Gabriela dos Santos de Oliveira (UNESPAR)

Daiane Martins Nunes (UNESPAR)

Larissa Marques da Silva (UNESPAR)

Resumo: O estudo analisa o desempenho econômico-financeiro das empresas de Construção Civil listadas na B3 entre 2018 e 2023, com foco no impacto que a pandemia de COVID-19 atingiu as empresas do setor. A amostra é composta por 28 empresas, cujos dados foram coletados na plataforma da Bolsa de Valores (B3). A pesquisa utiliza indicadores de liquidez, endividamento e rentabilidade para avaliar, mediante análise descritiva, a saúde financeira dessas empresas. Os resultados mostraram que a pandemia afetou o setor, houve uma queda na liquidez e na rentabilidade, no entanto, o período pós-pandemia mostrou uma recuperação gradual, adicionado a isso o Teste t mostrou que houve diferença nas médias nos indicadores analisados. Além disso, os dados destacam a importância de uma gestão financeira sólida para enfrentar crises e a necessidade de estratégias de longo prazo. Esta pesquisa é relevante para entender como o setor se adaptou às mudanças econômicas, trazidas pela pandemia, através de uma análise dos indicadores econômico-financeiros ao longo do período estudado.

Palavras-Chave: Construção civil; indicadores; pandemia Covid-19.

1. Introdução

A pandemia de COVID-19, causada pelo novo Corona vírus SARS-CoV-2, surgiu em Wuhan, na China, no final de 2019 e rapidamente se espalhou para outras partes do mundo (Cardoso; Nicoletti; Haiachi, 2020). Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a COVID-19, uma pandemia, marcando o início de uma crise de saúde global sem igual. Esta crise da saúde pública teve consequências abrangentes e variadas para a sociedade, afetando a vida de milhões de pessoas e colocando desafios aos sistemas de saúde, às economias e aos governos em todo o mundo (Armitrano; Magalhães; Silva, 2020 e Silva Junior; Silva; Silva, 2022).

Devido à alta gravidade do surto e a rápida disseminação do vírus, medidas foram necessárias para conter a sua propagação, tais como confinamentos, quarentenas e restrições de viagens, na cadeia de abastecimento, fechamento de empresas e desemprego (Elleby; Domínguez; Adenauer; Genovese, 2020). Segundo revista Forbes, no contexto empresarial, a pandemia forçou empresas de todos os segmentos e dimensões a adaptarem as suas operações e modelos de negócio para sobreviverem num ambiente instável (Teixeira, 2020).

De acordo com dados divulgados pelo Ministério da Economia (2020), enquanto alguns setores prosperam explorando novas oportunidades de mercado durante a pandemia, outros enfrentam dificuldades intransponíveis. Com base na lista dos setores econômicos mais afetados pela pandemia do novo Corona vírus após ser decretado estado de calamidade pública no Brasil decorrente da Covid-19, divulgada pela Secretaria Especial de Produtividade, Emprego e Produtividade do Ministério da Economia (Sepec/ME), publicada no Diário Oficial da União (DOU) em setembro de 2020, o setor de transporte aéreo de acordo com a lista divulgada estaria entre um dos setores mais afetados.

No entanto, durante a pandemia, enquanto setores como o das companhias aéreas enfrentavam desafios significativos, o agronegócio brasileiro viu um aumento notável em lucratividade e rentabilidade. Isso reflete as condições socioeconômicas estabelecidas pela crise sanitária, que beneficiaram empresas envolvidas na produção, distribuição e comercialização de produtos agrícolas no país (Araújo; Oliveira; Santos; Neto; Ferreira, 2023).

Neste cenário, pelo fato de as demandas por bens duráveis flutuarem tão acentuadamente em reação às variações de renda no curto prazo, os setores que produzem tais bens são muito vulneráveis a variações das condições macroeconômicas e, em particular, ao ciclo de negócios, períodos de recessão e expansão econômica. Assim, tais setores são frequentemente denominados setores cíclicos, ou seja, as vendas tendem a refletir de maneira mais acentuada as mudanças cíclicas do Produto Nacional Bruto (PNB) e da renda nacional (Pindyck; Rubinfeld, 2009).

Foram realizados alguns estudos abrangentes como o de Pandini, Stupp e Fabre (2018), que buscaram fornecer um parâmetro de análise para gestores e administradores de empresas que se enquadrem no setor de Consumo Cíclico e Não Cíclico, a fim de auxiliar na redução de incertezas em futuros planejamentos e modificar as áreas da organização que merecem destaque, conforme aconteçam variações na atividade econômica do país.

A Construção Civil sofre influências de um conjunto de fatores que se relacionam dinamicamente com o setor. Seu papel como vetor do crescimento econômico-financeiro é usualmente mensurado pelo tamanho relativo do seu produto como proporcionalmente à renda nacional e por sua ampla rede de ligações setoriais. Estudar a economia da Construção Civil é

essencial para entender sua dinâmica e compreender os fatores políticos, sociais e econômicos que estão correlacionados ao seu desenvolvimento (Costa; Fialho; Barros; Lima, 2013).

A partir desse contexto, verificou-se uma lacuna de pesquisa devido à escassez de trabalhos que analisem o desempenho das empresas do ramo de Construção Civil (seja esse um desempenho bom ou ruim). Neste contexto, o presente estudo busca responder a seguinte questão de pesquisa: Qual o desempenho econômico-financeiro de empresas da área de Construção Civil, listadas na B3, nos anos de 2018 a 2023? Orientado por esse questionamento, o presente estudo tem por objetivo analisar o desempenho econômico-financeiro das empresas de Construção Civil listadas na B3 entre 2018 e 2023.

A pesquisa tem sua relevância ao propor uma análise sobre os anos analisados que compreendem o período pré-pandêmico, pandêmico e pós-pandêmico, acerca das empresas que fazem parte do setor da Construção Civil, de consumo cíclico, mostrando assim como os indicadores econômico-financeiro das organizações analisadas foram alterados (ou não) em decorrência dos acontecimentos (pandemia) nesse recorte temporal estudado.

2. Fundamentação teórica

2.1 Indicadores de análise de desempenho econômico-financeiro

Segundo Assaf Neto (2017), os indicadores financeiros são como métricas utilizadas para avaliar a situação econômica e financeira das empresas. E são essenciais para a análise de desempenho, permitindo aos gestores identificarem pontos fortes e fracos para tomar decisões estratégicas informadas. Por outro ângulo, os indicadores ajudam a entender a eficiência operacional, a lucratividade e a solidez financeira, além de fornecer informações para investidores e credores (Gitman, 2017). Nesse sentido, Assaf Neto (1997, p. 1) completa afirmando que:

“As decisões financeiras de empresas inseridas em economias em desenvolvimento requerem uma reflexão mais crítica de seus aspectos conflitantes, exigindo adaptação à realidade dos negócios. O processo de tomada de decisões reflete a essência do conceito de administração. Administrar é decidir e a continuidade de qualquer negócio depende da qualidade das decisões tomadas pelos seus administradores, nos vários níveis organizacionais. Estas decisões, por sua vez, são tomadas com os dados e as informações viabilizadas pela contabilidade, levantadas pelo comportamento do mercado e desempenho interno das empresas através de indicadores.”

Para Brioso et al., (2015), as empresas utilizam diversos indicadores econômico-financeiros para auxiliar na tomada de decisões gerenciais. Os indicadores financeiros permitem uma análise detalhada da situação financeira da empresa, facilitando comparações anuais históricas e apoiando a tomada de decisões gerenciais e o planejamento estratégico (Gitman, 2017). Contudo, para Kaplan e Norton (2002), a fim de obter uma análise detalhada da situação financeira da empresa torna-se essencial definir indicadores de desempenho específicos que estejam alinhados com a estratégia e o modelo de negócio de cada empresa. A análise econômico-financeira desempenha um papel crucial no gerenciamento empresarial, é um processo essencial para verificar e compreender as demonstrações contábeis, fornecendo

uma visão abrangente da situação da empresa em termos operacionais, econômicos, patrimoniais e financeiros (Padoveze, 2008).

Os indicadores de desempenho são importantes para definir o planejamento estratégico e determinar as estratégias empresariais. Ademais, ajudam a avaliar a eficácia das decisões tomadas (Fischmann; Zilber, 2000). Assim, os indicadores de desempenho financeiro a serem utilizados nesta pesquisa são classificados em: liquidez, endividamento, atividade e rentabilidade.

Os índices de liquidez, que avaliam a capacidade da empresa de cumprir suas obrigações financeiras (Matarazzo, 2010; Gonçalves, 2020). Esses índices são cruciais para a administração da continuidade da empresa, e suas variações devem ser cuidadosamente estudadas pelos gestores. Os dados para calcular esses índices são obtidos exclusivamente do Balanço Patrimonial, demonstração contábil que mostra a posição patrimonial da entidade e deve ser constantemente atualizada para uma análise precisa. Atualmente, são estudados três índices de liquidez: geral, corrente e seca (Brioso *et al.*, 2015).

Regert (2018), afirma que os índices de endividamento revelam se a empresa depende mais de capital de terceiros ou de recursos próprios, além de auxiliarem na análise do vencimento das dívidas de curto ou longo prazo. Regert (2018), também destaca em sua obra que os indicadores de rentabilidade são fundamentais para avaliar o desempenho de um negócio. Sobre a mesma ótica, Lima, Oliveira e Rodrigues (2017, p. 6) afirmam: “O índice de rentabilidade analisa a lucratividade da empresa, visando examinar a eficácia das operações, é um dos indicadores mais importantes para os acionistas, pois permite mostrar o retorno dos investimentos e comparar com empresas do mesmo seguimento”. Sobre os indicadores de atividade, para Carvalho e Neto (2008) os indicadores de atividade ou eficiência avaliam a eficácia da empresa na utilização de seus ativos para gerar lucros.

Como base nas afirmações acima, os indicadores a serem utilizados da pesquisa estão descritos na Quadro 1.

Quadro 1- Indicadores de desempenho econômico

INICADORES	INTERPRETAÇÃO	FÓRMULAS
Liquidez Geral (LG)	Indica a capacidade da empresa em cumprir com as obrigações financeiras no curto e longo prazo.	$LG = (\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável A Longo Prazo}) / \text{Passivo Circulante} + \text{Exigível A Longo Prazo}$
Liquidez Corrente (LC)	Mede a capacidade da empresa em honrar os seus compromissos no curto prazo.	$LC = (\text{Ativo Circulante}) / \text{Passivo Circulante}$
Liquidez Seca (LS)	Mede a capacidade da empresa em honrar os seus compromissos no curto prazo.	$LS = (\text{Ativo Circulante} - \text{Estoques}) / \text{Passivo Circulante}$
Margem Ebitda (ME)	É uma medida de eficiência econômica que indica o quanto de receita líquida está sendo convertida em lucro, resultante apenas com atividades operacionais.	$ME = \text{Lucro Operacional} / \text{Receita Líquida}$
Margem Líquida (ML)	Evidencia a capacidade da empresa em gerar lucro líquido por intermédio das vendas líquidas efetuadas.	$ML = \text{Lucro Líquido} / \text{Receita Líquida}$
Rentabilidade sobre ativo (ROA)	Indica o retorno obtido para cada R\$ 1,00 investido em seus ativos.	$ROA = \text{Lucro Líquido} / \text{Total De Ativos}$

Rentabilidade do Patrimônio Líquido (ROE)	Indica o retorno do recurso próprio aplicado na empresa, portanto evidencia a proporção de capital próprio que é convertido em lucro líquido.	$ROE = \text{Lucro Líquido} / \text{Patrimônio Líquido}$
Prazo Médio de Recebimento de Venda (PMRV)	O prazo médio de recebimento indica em média quantos dias a empresa aguarda para receber as suas vendas:	$PMRV = \text{Contas A Receber (Saldo Médio)} / \text{Receitas Brutas (Saldo MEDIO)}$
Composição do endividamento (CE)	O indicador de composição do endividamento mostra o valor da dívida da empresa que está concentrado no curto prazo	$CE = \text{Passivo Circulante} / (\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível De Longo Prazo})$
Índice de endividamento geral (EG)	representa de forma mais ampla o grau de endividamento da empresa. Ele é expresso em percentual.	$EG = (\text{Capital De Terceiros} / \text{Ativos Totais}) \times 100$
Participação de Capital de Terceiros (PCT)	Mede o nível de endividamento (capital de terceiros) em relação à participação do capital próprio (PL) da empresa, indicando que quanto menor o índice menor a dependência de capital de terceiros.	$PCT = (\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível De Longo Prazo}) / (\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível A Longo Prazo} + \text{Patrimônio Líquido})$

Fonte: Assaf Neto e Lima (2017).

Esses indicadores, constantes do Quadro 1, foram base para análise do desempenho econômico-financeiro das empresas de Construção Civil listadas na B3 conforme escopo desta pesquisa.

2.2 Setor da Construção Civil no Brasil

Teixeira e Carvalho (2005) enfatizam a relevância da Construção Civil para o desenvolvimento econômico, defendendo a priorização dos investimentos no setor devido aos impactos diretos, indiretos e induzidos na produção, emprego, renda e arrecadação. Entre os anos de 2000 a 2008, o Brasil experimentou um cenário econômico estável que propiciou um crescimento significativo, impactando positivamente a indústria da Construção Civil (Borges, 2013). O setor enfrenta flutuações frequentes, como por exemplo, em 2011, com a ascensão da parcela emergente da população que contribuiu para um aquecimento significativo no setor imobiliário nacional (Costa, 2016).

A Construção Civil exerce influência no PIB nacional ao consumir recursos naturais, empregar grande quantidade de mão de obra e criar cadeias produtivas complexas, além de ser essencial para o crescimento das comunidades, portanto, esse setor é fundamental na economia (Souza *et al.*, 2020). De maneira complementar Nunes *et al.* (2020) demonstraram que esse segmento, possui uma conexão direta com o PIB do país e representa 5,3% desse indicador econômico.

Outra importante contribuição do setor de Construção Civil, está relacionada a geração de emprego, conforme o aumento na geração de empregos está associado ao crescimento da demanda final, como, por exemplo, a procura por habitação. Esse processo inicialmente gera empregos diretos, calculados pela relação entre o total de empregados e o valor bruto da produção da atividade (Kureski *et al.*, 2008). A geração de empregos indiretos ocorre devido ao aumento na demanda por insumos intermediários pela atividade que experimentou aumento na demanda final, resultando no aumento da produção em outras atividades. O aumento na

produção também reflete no crescimento do emprego, impulsionado pelo aumento da renda (Santos *et al.*, 2011).

O setor de consumo cíclico, no qual está inserido a Construção Civil, engloba empresas que dependem de ciclos econômicos específicos para alcançar ganhos substanciais. Este setor inclui empresas do comércio/varejo, ramo de hotéis, tecidos, calçados, lazer, entre outros. De acordo com Horta, Borges e Jorge (2014), entre os anos de 1996 e 2011, por meio da análise dos demonstrativos contábeis das empresas brasileiras do setor econômico de consumo cíclico, listadas na BOVESPA, essas representavam em média 17,8% do total dos negócios, sendo o maior entre os setores. Outra característica é que empresas neste setor são caracterizadas por terem proporções relativamente menores de ativos imobilizados em comparação aos ativos circulantes, além de apresentarem valores menos expressivos em seus ativos (Horta; Borges; Jorge, 2014).

O setor da Construção Civil enfrentou impactos sem precedentes relacionados a pandemia, o principal foi a paralisação das cidades no país, o que influenciou no adiamento dos prazos de entregas das obras. Diante da dificuldade de circulação, transporte da população e da possibilidade iminente de contágio do coronavírus, o segmento sofreu alterações devido à quarentena estabelecida e o fechamento dos serviços considerados não essenciais, estabelecendo o chamado “*lockdown*” (que foi o ato da população de permanecer em seus domicílios). Destacou-se assim, uma falta de preparo para lidar com crises e a necessidade urgente de adotar medidas eficazes para desenvolver protocolos que permitam a retomada das atividades nos canteiros de obras (Pereira; Azevedo, 2020).

Em face do exposto, torna-se cada vez mais indispensável possuir instrumentos que possam amparar as empresas, contribuindo nos processos estratégicos e no âmbito gerencial. De acordo com Van Bellen (2006), utilizar uma avaliação de desempenho proporciona a base para planejar futuras ações e é fundamental para o objetivo da mensuração. Segundo o mesmo autor, os tomadores de decisão precisam de ferramentas que conectem atividades passadas e presentes com metas futuras, sendo os indicadores de desempenho (econômico-financeiro) um elemento essencial dessas ferramentas.

2.3 Estudos Anteriores

Vargas e Oliveira (2021), realizaram um estudo sobre os impactos econômicos no setor da Construção Civil no período de 2003 a 2011, no contexto da crise mundial de 2008. Segundo os autores, no Brasil a crise resultou em uma desaceleração econômica significativa, afetando diversos setores, especialmente a Construção Civil. A quebra do Lehman Brothers nos EUA também intensificou a crise global, afetando a produção e vendas no Brasil e reduzindo o PIB. O governo brasileiro implementou medidas para reverter ou amenizar os efeitos da crise, como políticas públicas ativas para estimular o setor privado, políticas como: aumento de limite de empréstimo para a compra de materiais de construção; desoneração tributária dos materiais de construção e a disponibilização de crédito para estimular o consumo. Vargas e Oliveira (2021), afirmam que políticas públicas articuladas foram responsáveis por amenizar os efeitos da crise mundial de 2008 e alavancar o crescimento do setor e da economia como um todo. O estudo também evidenciou que no período pós crise, houve a geração de empregos formais e renda, além disso a retração econômica foi reduzida, favorecendo a retomada do crescimento e desenvolvimento do Brasil.

Nunes *et al.* (2020), realizaram uma pesquisa em que os resultados obtidos indicam correlação forte entre o PIB do Brasil e o PIB da Construção Civil. Os anos estudados compreendem o ano de 2000 a 2019, separados em três grupos: período completo, período antecessor a Copa do Mundo FIFA de 2014 e período posterior a mesma. O estudo revela que, a Construção Civil está se recuperando de maneira lenta, acompanhando a recuperação econômica do país. Este setor foi o mais afetado pela crise, com uma retração de 32,6% nos anos do referido estudo, apresentando sinais de recuperação a partir de 2017, e com variação anual positiva apenas em 2019, no valor de 1,6%. As análises realizadas mostram que o Brasil não estava preparado, tanto do ponto de vista econômico quanto para o setor da Construção Civil, para assegurar um desempenho sustentável após a realização dos megaeventos, como é evidenciado pelos efeitos da crise.

Lima, Oliveira e Rodrigues (2017) analisaram os impactos da crise nos indicadores econômicos e financeiros de dezessete empresas do setor da Construção Civil listadas na BM&FBovespa, no período de 2010 a 2015. E concluíram que, os indicadores econômicos e financeiros variaram ao longo do período estudado, destacando-se o ano de 2015 como o mais impactante da crise, com aumento significativo do endividamento e consequente elevação do custo da dívida, afetando o resultado líquido e as taxas de retorno das empresas.

Costa, Fialho, Barros, Lima (2014) apresentaram um estudo exploratório dos aspectos econômicos da Construção Civil a partir dos dados dos indicadores mais utilizados em análises realizadas em diversos periódicos especializados, artigos científicos e instituições de pesquisa e estudo nacional. Os resultados obtidos nesta análise direcionam para o reconhecimento do significado do setor para a economia e a inter-relação entre estes indicadores. Porém, ainda de acordo com os autores, a realidade é que poucos estudos das características desse setor do país, tratam da relação entre indicadores e seus efeitos sobre a economia, inferindo sobre a evolução histórica e a interpretação de seus significados para o desenvolvimento do setor e da economia geral.

3. Método de pesquisa

A pesquisa identificou-se como uma pesquisa descritiva. Segundo Gil (2008), as pesquisas descritivas têm como principal objetivo descrever as características de determinada população ou estabelecimento de relação entre as variáveis. Uma das principais características desse tipo de pesquisa está na utilização de técnicas padronizadas de coleta.

Quanto à abordagem, a pesquisa é do tipo quantitativa, visto que os valores foram coletados para calcular e analisar, com base em técnicas estatísticas, os indicadores financeiros. De acordo com Zanella (2006), a abordagem quantitativa se caracteriza pela utilização de instrumentos estatísticos, tanto para coletar os dados quanto para analisar, tendo como finalidade observar se há relações entre as variáveis.

Em relação ao procedimento adotado na coleta de dados, este se caracterizou como sendo do tipo documental, no qual a fonte de coleta dos dados encontra-se nos documentos financeiros divulgados pelas organizações. Para Lakatos e Marconi (2017), a característica da pesquisa documental está em utilizar como fonte de coleta de dados apenas documentos, escritos.

Para o processo de elaboração da pesquisa foram inicialmente identificadas as empresas que compõe a amostra, a partir de dados disponibilizados na Bolsa de Valores, há 28 empresas

listadas no setor de consumo cíclico da B3, no segmento de Construção Civil. O estudo utilizou como base 3 períodos: o pré-pandêmico, pandêmico e o pós-pandêmico (2018 a 2023), essa abordagem proporcionou uma avaliação quantitativa abrangente do panorama empresarial no setor. Os índices selecionados para análise foram os de liquidez, endividamento (estrutura), atividade e rentabilidade. Os dados foram coletados nos demonstrativos financeiros da empresa, como Balanço Patrimonial e Demonstração do Resultado do Exercício. Essas informações são disponibilizadas nos relatórios trimestrais e anuais das empresas, publicados na Bolsa de Valores. Os nomes das organizações estão descritos na Quadro 2.

Quadro 2- Companhias do setor cíclico listadas na B3, do subsetor de construção civil.

NOME DA COMPANHIA		
ALPHAVILLE S.A.	HELBOR EMPREENDEMENTOS S.A.	MRV ENGENHARIA E PARTICIPACOES S.A.
CONSTRUTORA ADOLPHO LINDENBERG S.A.	INC EMPREENDEMENTOS IMOBILIÁRIOS S.A.	PDG REALTY S.A. EMPREEND E PARTICIPACOES
CONSTRUTORA TENDA S.A	JHSF PARTICIPACOES S.A.	PLANO & PLANO DESENVOLVIMENTO IMOBILIÁRIO S.A.
CURY CONSTRUTORA E INCORPORADORA S.A.	JOAO FORTES ENGENHARIA S.A.	RNI NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS S.A.
CYRELA BRAZIL REALTY S.A. EMPREEND E PART	KALLAS INCORPORACOES E CONSTRUCOES S.A.	ROSSI RESIDENCIAL S.A.
DIRECIONAL ENGENHARIA S.A.	LAVVI EMPREENDEMENTOS IMOBILIÁRIOS S.A.	TECNISA S.A.
EVEN CONSTRUTORA E INCORPORADORA S.A.	MELNICK DESENVOLVIMENTO IMOBILIÁRIO S.A.	TEGRA INCORPORADORA S.A.
EZ TEC EMPREEND. E PARTICIPACOES S.A.	MITRE REALTY EMPREENDEMENTO E PARTICIPAÇÕES S.A.	TRISUL S.A.
FICA EMPREENDEMENTOS IMOBILIÁRIOS S.A.	MOURA DUBEUX ENGENHARIA S.A.	VIVER INCORPORADORA E CONSTRUTORA S.A.
GAFISA S.A.	HELBOR EMPREENDEMENTOS S.A.	MRV ENGENHARIA E PARTICIPACOES S.A.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Considerando que as informações e demonstrações são de fácil acesso, o que contribuiu como um fator considerável na decisão de quais aspectos analisar (indicadores financeiros). Sendo a análise conduzida por meio de técnicas de estatística descritiva, foi realizado um Teste t para saber a diferença dos índices para os três períodos analisados.

A partir de toda a apuração foi possível identificar o desempenho das empresas com relação aos anos analisados e constatar aspectos relevantes sobre esse setor no cenário nacional.

4. Resultados e Discussão

As informações a seguir apresentam a análise dos principais indicadores econômico-financeiros das empresas de Construção Civil listadas na B3, abrangendo o período de 2018 a 2023. Os dados foram organizados de forma anual, permitindo observar a variação dos indicadores ao longo do tempo, com especial atenção aos efeitos da pandemia de COVID-19 nos resultados do setor. A Tabela 1 mostra os resultados dos indicadores de Rentabilidade.

Tabela 1. Análise anual da variação nos indicadores de Rentabilidade

VARIAÇÃO	2018-2019	2019-2020	2020-2021	2021-2022	2022-2023
ME	0,07	0,16	-0,02	0,17	-0,11
ML	0,07	0,15	0,04	0,13	-0,10
ROA	0,00	0,02	0,00	-0,06	0,13
ROE	-0,14	0,01	0,01	0,06	-0,02

Fonte: Elaborada pelos autores (2025).

De acordo com os resultados a margem EBITDA apresentou a recuperação progressiva, embora tenha iniciado com valores negativos. A margem chegou a valores próximos de zero em 2022 e 2023, o que indica uma melhoria na eficiência operacional, mas ainda sem margens positivas refletindo dificuldades em gerar lucro a partir das operações, o que também afeta a margem líquida. Partindo disso, conclui-se que a tendência de melhoria nas margens indica que as empresas conseguiram reverter parte dos impactos negativos da pandemia, demonstrando maior controle de custos e uma recuperação operacional gradual.

Na análise observou-se também que, os indicadores Retorno sobre os Ativos (ROA) e Retorno sobre o Patrimônio (ROE) mostram um padrão semelhante entre si, ambos apresentam valores negativos na maior parte do período. O ROA foi negativo em 2018 (-0,01), 2019 (-0,01) e 2020 (-0,05), refletindo a dificuldade das empresas em gerar retorno a partir dos ativos.

Embora tenha ocorrido uma leve melhora em 2021 e 2022, com valores próximos de zero, foi apenas em 2023 que o ROA se recuperou, atingindo 0,08. Por outro lado, o ROE teve um comportamento semelhante, com uma leve recuperação no final de 2022 (0,06), mas ainda apresentando um valor negativo em 2023 (-0,04). Essas variações no ROA e ROE indicam uma recuperação gradual na rentabilidade dos ativos após a pandemia, mas o retorno sobre o patrimônio não acompanhou essa melhoria de forma consistente. Isso sugere que, apesar da melhora operacional, as empresas ainda enfrentam dificuldades em gerar retornos satisfatórios para os acionistas, possivelmente devido ao aumento do endividamento ou ineficiência no uso do patrimônio. A Tabela 2 mostra os resultados dos indicadores de Liquidez.

Tabela 2. Análise anual da variação nos indicadores de Liquidez

VARIAÇÃO	2018 -2019	2019-2020	2020 -2021	2021-2022	2022-2023
LG	0,00	0,02	0,01	-0,30	-0,28
LC	0,16	-0,18	0,03	-0,22	-0,24
LS	0,01	0,28	-0,04	-0,21	0,12

Fonte: Elaborada pelos autores (2025).

Os indicadores de Liquidez Geral (LG) e a Liquidez Seca (LS) apresentam um panorama sobre a capacidade das empresas de honrar suas obrigações financeiras, tanto em uma visão ampla (incluindo ativos de longo prazo) quanto de forma mais conservadora (excluindo estoques).

Na análise evidenciou-se que de 2018 a 2021, a LG manteve-se relativamente estável, entre 2,03 e 2,06, indicando uma capacidade satisfatória das empresas para cobrir obrigações. Entretanto, houve uma queda significativa após a pandemia, caindo para 1,76 em 2022 e para 1,48 em 2023, esse declínio sugere que, na retomada das operações, as empresas recorreram de forma mais intensa aos ativos disponíveis para sustentar o caixa. Em relação a LS, também houve redução no período pós-pandemia, atingindo 0,76 em 2022 e recuperando-se levemente para 0,88 em 2023, o que demonstra uma utilização estratégica dessas reservas para lidar com obrigações urgentes.

Sob a ótica de análise da Liquidez Corrente (LC) é demonstrado que, até 2021, o setor de Construção Civil mantinha uma posição sólida para cobrir obrigações de curto prazo, com LC próxima de 2,8. Todavia, a partir de 2022, houve uma queda significativa, chegando a 2,37 em 2023. Esse declínio sugere que as empresas intensificaram o uso de seus ativos líquidos para atender às necessidades de caixa no período pós-pandemia. Esse movimento possivelmente reflete uma estratégia de redução das reservas circulantes, típica em momentos de recuperação econômica. Por fim, o panorama geral dos índices de liquidez confirma os apontamentos de Pereira e Azevedo (2020) sobre a falta de preparo do setor da Construção Civil para lidar com crises e a necessidade de medidas de longo prazo para melhorar a gestão de ativos e liquidez, considerando que o setor se apresenta suscetível a crises de acordos com estudos anteriores. Na Tabela 3 são apresentadas as variações de endividamento.

Tabela 3. Análise anual da variação nos indicadores de endividamento e atividade.

VARIAÇÃO	2018-2019	2019-2020	2020-2021	2021-2022	2022-2023
PMRV	-0,39	0,33	-0,30	-0,09	0,10
CE	-0,05	0,05	0,00	-0,03	0,01
EG	0,06	-0,01	0,02	0,08	0,10
PCT	0,05	0,01	0,02	0,09	0,06

Fonte: Elaborada pelos autores (2025).

Durante a análise, de acordo com os resultados obtidos pelos indicadores de endividamento foi evidenciado que houve uma dependência maior de capital externo, que se confirma quando analisado o índice Participação de Capital de Terceiros (PCT), o qual mostrou um aumento gradual, de 0,69 em 2018 para 0,92 em 2023. Essa alta dependência de capital externo em tempos de crise é encontrada também no estudo de Vargas e Oliveira (2021) que destacou que crises econômicas, aumentam a necessidade de políticas públicas para mitigar os impactos no setor de Construção Civil. Do mesmo modo, nesta pesquisa, revelou-se uma alta dependência de capital de terceiros, conforme defendido no estudo de Vargas e Oliveira (2021).

Na Tabela 4, sobre outra ótica, foi realizada uma análise com base nos dados de 28 empresas do setor de Construção Civil listadas na B3, no período de 2018 a 2023. Para obter resultados, foi calculado a média anual de alguns indicadores financeiros (LG, LC, LS, ME,

ML, ROA, ROE, PMRV, CE, EG e PCT) e optou-se em dividir o período em três fases: pré-pandemia (2018-2019), durante a pandemia (2020-2021) e pós-pandemia (2022-2023). Essa divisão permitiu identificar de forma clara como os resultados foram impactados em cada etapa, possibilitando uma análise comparativa mais detalhada entre os momentos econômicos distintos. Na Tabela 4, apresentam-se os valores da análise anual dos indicadores analisados.

Tabela 4. Análise anual da variação nos indicadores analisados.

Indicador	Pré-pandemia	Pandemia	Pós-Pandemia
LG	2,03	2,06	1,62
LC	2,89	2,81	2,49
LS	0,72	0,99	0,82
ME	-0,35	-0,16	-0,05
ML	-0,42	-0,21	-0,11
ROA	-0,01	0,01	0,01
ROE	0,04	-0,01	0,05
PMRV	1,58	1,57	1,38
CE	0,45	0,46	0,44
EG	0,77	0,80	0,94
PCT	0,72	0,77	0,89

Fonte: Elaborada pelos autores (2025).

Com base nos dados obtidos na análise, observou-se também uma deterioração nos principais indicadores de liquidez e rentabilidade durante a pandemia (2020-2021), com uma leve queda na LG e LC, enquanto as margens EBITDA e líquida permaneceram negativas. No entanto, esses indicadores apresentaram uma melhoria constante até o pós-pandemia (2022-2023), com margens EBITDA e líquida alcançando os melhores níveis do período analisado, sugerindo uma redução nas perdas operacionais e melhora na eficiência operacional. Em relação à rentabilidade, o ROA e ROE tiveram recuperação mais lenta, mantendo-se em níveis baixos, especialmente durante e após a pandemia, o que sugere um impacto na capacidade das empresas de gerar retorno sobre seus ativos e patrimônio. Esse cenário pode ser reflexo de aumentos no endividamento e de um possível desafio em usar os ativos de maneira eficiente.

Comparando com o estudo de Lima *et al.* (2017) sobre o impacto duradouro da crise de 2015, esta pesquisa indica uma recuperação significativamente mais rápida no período pós-pandemia, com melhorias nas margens operacionais e lucro líquido já evidentes em 2022-2023. Esse resultado sugere que o setor adotou medidas de controle de custos e otimização de operações mais eficazes, contrastando com o impacto prolongado observado no período da crise anterior. A rápida recuperação pode indicar uma resiliência estrutural maior nas empresas do setor, talvez impulsionada por ajustes na estratégia financeira e operacional para lidar com crises.

Para verificar se houve diferença significativa entre os períodos analisados: pré-pandêmico, pandêmico e pós-pandêmico. Foi realizado o Teste t de diferença de médias, o resultado é apresentado na Tabela 5.

Tabela 5. Teste t para períodos analisados

	Pré-pandemia	Pandemia	Pandemia	Pós Pandemia
Média	0,765454545	0,826363636	0,826363636	0,77090909
Variância	1,065707273	0,958745455	0,958745455	0,67504909
Observações	11	11	11	11
Hipótese da diferença de média	0		0	
gl	20		20	
Stat t	-0,141979172		0,14389137	
P(T<=t) uni-caudal	0,444258474		0,44355072	
t crítico uni-caudal	1,724718243		1,72913281	
P(T<=t) bi-caudal	0,888516947		0,88710145	
t crítico bi-caudal	2,085963447		2,09302405	

Fonte: Elaborada pelos autores (2025).

Na Tabela 5 são apresentados os resultados do Testes t, o primeiro comparando o período da pré-pandemia com o período da pandemia, nota-se que o valor de foi de -0,142 e ficou fora do intervalo de confiança, ou seja, rejeita-se a H_0 de que as médias entre os dois períodos são iguais. O mesmo aconteceu com a segunda comparação entre o período da pandemia e o período pós pandemia, cujo valor de t foi de 0,144, que também rejeita a H_0 . Isso mostra que a os indicadores mostraram comportamentos diferentes entre os períodos comparados e que a pandemia teve efeitos nos resultados econômico-financeiros das empresas de Construção Civil.

Para constatar individualmente as empresas que tiveram melhor resultado no período analisado, foi elaborado o Quadro 3 que mostra *ranking* das cinco empresas que apresentaram os maiores índices de Margem Líquida durante o período estudado.

Quadro 3 - *Ranking* das empresas com maior índice de Margem Líquida no período analisado

Pré-Pandemia	Pandemia	Pós-Pandemia
ROSSI RESIDENCIAL S.A.	PDG REALTY S.A. EMPREEND E PARTICIPACOES	TEGRA INCORPORADORA S. A
PDG REALTY S.A. EMPREEND E PARTICIPACOES	JHSF PARTICIPACOES S.A.	VIVER INCORPORADORA E CONSTRUTORA S.A.
RNI NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS S. A	EZ TEC EMPREEND. E PARTICIPACOES S.A.	JHSF PARTICIPACOES S.A.
JHSF PARTICIPACOES S.A.	LAVVI EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS S. A	GAFISA S.A.
LAVVI EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS S.A	GAFISA S.A.	EZ TEC EMPREEND. E PARTICIPACOES S.A.

Fonte: Elaborada pelos autores (2025).

Ao observar o *ranking*, que foi elaborado levando em consideração a maior Margem Líquida, nota-se que uma empresa permaneceu no *ranking* nos três períodos: JHSF PARTICIPAÇÕES S.A. Isso demonstra que antes da pandemia obtinha-se uma Margem

Líquida melhor que as demais empresas que não entraram no *ranking*, já na pandemia subiu para a segunda posição, e após, na recuperação econômica, caiu para terceira posição. Com base nesses dados é possível observar que mesmo em meio a períodos de tensão na economia, a empresa se manteve com lucratividade, apresentando melhor resultado que outras empresas analisadas.

5. Conclusões

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o desempenho econômico-financeiro das empresas de Construção Civil listadas na B3 entre 2018 e 2023, com foco no impacto que a pandemia de COVID-19, a amostra contou com 28 empresas do setor da Construção Civil, listadas na B3.

Embasado pelos resultados, conclui-se que as empresas do setor da Construção Civil enfrentaram grandes desafios de rentabilidade e liquidez ao longo do período analisado, devido aos impactos da pandemia de COVID-19. Os dados indicam uma recuperação gradual, com melhorias na eficiência operacional, refletida na Margem EBITDA e na Margem Líquida, embora ainda com dificuldades para converter essa recuperação em retornos sólidos aos acionistas, como demonstrado pelos baixos valores de ROE.

Com base na análise da média da Margem Líquida de todo o setor de Construção Civil e no desempenho destacado da JHSF PARTICIPAÇÕES S.A., conclui-se que, enquanto o setor enfrentou quedas expressivas nos índices de lucratividade nos períodos de pré-pandemia, pandemia e pós-pandemia, a JHSF demonstrou resiliência e capacidade de adaptação. A média das 28 empresas analisadas apresentou declínios significativos na Margem Líquida (-0,42 no período pré-pandêmico para pandêmico, -0,21 no pandêmico para pós-pandêmico e -0,11 na recuperação econômica). Esses números refletem os desafios enfrentados pelo setor, incluindo aumento de custos, restrições operacionais e dependência de capital de terceiros.

Apesar dessas dificuldades, a JHSF manteve-se consistentemente entre as melhores empresas do *ranking*, evidenciando sua eficiência operacional e estratégias financeiras sólidas, que permitiram à empresa não apenas sustentar, mas também superar, em diversos momentos, o desempenho médio do setor. Esses resultados reforçam a importância de uma gestão estratégica bem estruturada para enfrentar adversidades econômicas e alcançar resultados acima da média, mesmo em cenários desafiadores.

Observou-se também que, apesar de uma recuperação nas margens e indicadores operacionais no período pós-pandemia (2022-2023), o setor recorreu de forma intensa a capital de terceiros, elevando sua dependência de financiamento externo, o que pode ser um sinal de vulnerabilidade em futuras crises econômicas. Os índices de liquidez também diminuíram após a pandemia, refletindo uma utilização estratégica dos ativos líquidos para sustentar operações, mas sugerindo a necessidade de uma estrutura financeira mais resiliente para o setor.

Por fim, os resultados apontam que, apesar das melhorias observadas, o setor ainda precisa fortalecer sua estrutura de capital e gestão financeira para garantir estabilidade e crescimento sustentável, principalmente em cenários de incerteza.

Sugere-se que para estudos futuros sejam feitas análises comparativas com outros setores do consumo cíclico, para ter uma visão mais abrangente do impacto nas empresas do setor de consumo cíclico. Também foi encontrada uma limitação na pesquisa, visto que, apenas um setor foi analisado, o que impede a generalização dos resultados, dado que outros setores possuem características e particularidades distintas.

Referências

AMITRANO, C. R.; MAGALHÃES, L. C. G. de; SILVA, M. S. Medidas de enfrentamento dos efeitos econômicos da pandemia covid-19: panorama internacional e análise dos casos dos Estados Unidos, do Reino Unido e da Espanha. **EconStor**, 2020. Disponível em: <https://www.econstor.eu/handle/10419/240754>. Acesso em: 15 jun. 2024.

ARAÚJO, I.; OLIVEIRA, E. R. de; SANTOS, G. C.; NETO, B. J. F.; FERREIRA, R. A. Análise do desempenho das empresas do agronegócio listadas no setor de consumo não-cíclico da B3. **CONTABILOMETRIA - Brazilian Journal of Quantitative Methods Applied to Accounting**, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.fucamp.edu.br/index.php/contabilometria/art-icle/view/3222>. Acesso em: 01 maio 2024.

ASSAF NETO, Alexandre. Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico-financeiro. São Paulo: **Atlas**. 2017. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001060588>. Acesso em: 19 jul. 2024. Acesso em 19 jun. 2024.

ASSAF NETO, A. A dinâmica das decisões financeiras. **Caderno de Estudos**, v. 16, p. 01-17, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-92511997000300001>. Acesso em: 14 jun. 2024.

BORGES, J. F. B. Gestão de projetos na construção civil. **Revista Especialize On-line IPOG - Goiânia**, v. 1, n. 5, p. 1-16, 2013.

BRIOSO, A. B. D; FANELLI, D. G; BALDASSO, G; SILVA, L. C. D; GROppo, J. V. Indicadores financeiros na tomada de decisões gerenciais. **UNISEPE**, 2015. Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/unifia/wpcontent/uploads/sites/10001/2018/06/11indicadores_financeiros.pdf. Acesso em: 02 jul. 2024.

CARDOSO, Vinicius Denardin; NICOLETTI, Lucas Portilho; HAIACHI, Marcelo de Castro. Impactos da pandemia do COVID-19 e as possibilidades de atividades físicas e esportivas para pessoas com deficiência. **RBAFS**, 2020. Disponível em: <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/14356>. Acesso em: 28 maio 2024.

CARVALHO, F. L.; NETO, S. B. Indicadores de avaliação de desempenho econômico em cooperativas agropecuárias: um estudo em cooperativas paulistas. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, 2008. Disponível em: <http://www.revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/75> Acesso em 25 jul. 2024.

COSTA, Amanda Da Silva. SIAC/PBQP-H: Interpretação dos requisitos e avaliação das motivações e dificuldades na sua implantação por construtoras. **Repositório Politécnica**, 2016. Disponível em: <http://repositorio.poli.ufrj.br/monografias/monopoli10016818.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2024.

COSTA, Heloína Nogueira Da; FIALHO, Karlo Eugênio R; BARROS NETO, José De Paula; LIMA, Sérgio Henrique De Oliveira. Aspectos econômicos da construção civil no Brasil. **ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO**, XV, 12 a 14 nov. 2014, Maceió, Alagoas, Brasil. Anais. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/57708/1/2014_eve_kerfialho.pdf. Acesso em: 14 jun. 2024.

ELLEBY, Christian; DOMÍNGUEZ, Ignacio Pérez; ADENAUER, Marcel; GENOVESE, Giampiero. Impactos da pandemia COVID-19 nos mercados agrícolas globais. **Springer**, Recurso Ambiental Econ 76, 1067–1079 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10640-020-00473-6>. Acesso em: 14 jun. 2024.

FISCHMANN, A. A; ZILBER, M. A. Utilização de indicadores de desempenho para a tomada de decisões estratégicas: um sistema de controle. **Revista de Administração Mackenzie**, 2000 I(1), p. 10-25. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ram/a/HchNLVz8rHYRBL Cz4KwGn8F/?lang=pt>. Acesso em: 06 jul. 2024.

GIL, Antonio C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social, 6ª edição. São Paulo: **Atlas**, 2008. Disponível em: <https://pdfdocumento.com/gil-a-c-metodos-e-tecnicas-de-pesquisa-social-blog-do-professor-59f7b94d1723ddde0f3dc077.html>. Acesso em: 24 jun. 2024.

GITMAN, L. J.; ZUTTER, C. J. Princípios de administração financeira. 14. ed. São Paulo: **Pearson Education do Brasil**, 2017, p. 821.

GONÇALVES, A. O. Desempenho econômico-financeiro e vinculações políticas: traços do patrimonialismo nas empresas do setor elétrico estatal brasileiro. **Revista Evidenciação Contábil & Finanças**, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 130-150, jan./abr. 2020.

GOV.BR. Ministério da Economia divulga lista dos setores mais afetados pela pandemia da Covid-19 no Brasil. **GOV.BR**, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/noticias/2020/setembro/ministerio-da-economia-divulga-lista-dos-setores-mais-afetados-pela-pandemia-da-covid-19-no-brasil>. Acesso em: 17 jul. 2024.

HORTA, R. A. M.; BORGES, C. C. H.; JORGE, M. J. Descontinuidade De Empresas Brasileiras Do Setor De Consumo Cíclico: Um Estudo Com Dados Contábeis Utilizando Técnicas De Data Mining. **REVISTA AMBIENTE CONTÁBIL** - Universidade Federal do Rio Grande do Norte - ISSN 2176-9036, Natal, v. 6, n. 1, p. 99–121, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/ambiente/article/view/4124>. Acesso em: 10 jul. 2024.

KAPLAN, R. S.; NORTON, D. P. Revisão de A organização focada na estratégia: como as empresas de balanced scorecard prosperam no novo ambiente de negócios. 2. ed.

Boston:Harvard Business school press. **Revista de Reabilitação Psiquiátrica**, 2002. 212-213 p. v. 26.

KURESKI, R.; RODRIGUES, R. L.; MORETTO, A. C.; SESSO FILHO, U. A.; HARDT, L. P. A. O Macrossetor Da Construção Civil Na Economia Brasileira Em 2004. **Ambiente Construído Revista Antac**, v. 8, n. 1, p. 7–19, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ambienteconstruido/article/view/3791>. Acesso em: 10 jul. 2024.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Fundamentos de Metodologia Científica, 8ª edição. São Paulo: **Atlas**, 2017. Disponível em:[Fundamentos de metodologia científica | São Paulo: Atlas; 7 ed; 2010. xvi,297 p. | LILACS | SES-SP](#) Acesso em: 24 jun. 2024.

LIMA, S. M.; OLIVEIRA, M. E. L.; RODRIGUES, M. de S. (2017). A crise e o desempenho econômico-financeiro das empresas da construção civil. **Revista Gestão Em Análise**, 6(1/2), p. 196–210. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.12662/2359-618xregea.v6i1/2.p196-210.2017> Acesso em: 14 jun. 2024.

MATARAZZO, D. C. Análise Financeira de Balanços: abordagem gerencial. **Atlas**. 7 ed. São Paulo, 2010.

NUNES, J M; LONGO, O C; ALCOFORADO, L F; PINTO, G O. O setor da Construção Civil no Brasil e a atual crise econômica. MENDELEY, 2020. Disponível em: <https://www.mendeley.com/catalogue/22d69702-a3d6-3bb2-b423-4b4b4edbe1b0/>. Acesso em: 12 jul. 2024.

PANDINI, Jardel; STUPP, Diego R; FABRE, Valkyrie V. Análise do impacto das variáveis macroeconômicas no desempenho econômico-financeiro das empresas dos setores de Consumo Cíclico e Não-Cíclico da BM&FBovespa. **Revista Catarinense da Ciência Contábil**, v, 17, n. 51, p. 7-22, 2018. Disponível em: <https://revista.crcsc.org.br/index.php/CRCSC/article/view/2606>. Acesso em: 17 jun. 2024.

PADOVEZE, C. L. Contabilidade Gerencial: um enfoque em sistema de informação contábil. **Atlas**. 5. ed. São Paulo, 2008.

PEREIRA, L. L.; AZEVEDO, B.F. O impacto da pandemia na construção civil. **Boletim do Gerenciamento**, Universidade Federal do Rio de Janeiro. v. 20, n. 20, p. 71-80, 2020. Disponível em: [v. 17 n. 17 \(2020\): Boletim do Gerenciamento | Boletim do Gerenciamento \(nppg.org.br\)](#). Acesso em: 24 jun. 2024.

PINDYCK, Robert S; RUBINFELD, Daniel L. **Microeconomía**. 7. ed. PEARSON EDUCACIÓN, S.A., Madrid, 2009. v. 1. ISBN 978-84-832-2706-0.

REGERT, R.; BORGES JUNIOR, G. M.; BRAGAGNOLO, S. M.; BAADE, J. H. A Importância dos indicadores econômicos, financeiros e de endividamento como gestão do conhecimento na tomada de decisão em tempos de crise. **Revista Visão: Gestão**

Organizacional, Caçador (SC), Brasil, v. 7, n. 2, p. 67–83, 2018. DOI: 10.33362/visao.v7i2.1579. Disponível em: <https://periodico-s.uniarp.edu.br/index.php/visao/article/view/1579>. Acesso em: 1 jul. 2024.

SANTOS, A. M.; ROSSI, G. F.; TOYOSHIMA, S. H.; EVANGELISTA, W. L. Impactos comparativos do setor da construção civil sobre o emprego no Brasil: 2002-2009. **Revista de Ciências Humanas**, v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/3480>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SILVA JUNIOR, Annor Da Silva; SILVA, Vitor Correa Da; SILVA, Priscilla de Oliveira Martins. Impactos econômico-financeiros da pandemia de covid19 no setor de educação superior na b3. **Revista Contabilidade Vista & Revista**, ISSN 0103-734X, Universidade Federal de Minas Gerais, 169 Belo Horizonte, v. 33, n. 1, p. 144-169, jan./abr. 2022.

SOUZA, Bruno A; OLIVEIRA, Camilla A C; SANTOS, Débora De G; SANTANA, Júlio C O de; VIANA NETO, Luis A da C. **Análise dos indicadores pib nacional e pib da indústria da construção civil**. 1. ed. Salvador, 2020. 107-123 p. v. 11.

TEIXEIRA, L. Adaptação à pandemia: como 3 companhias estão conseguindo superar as adversidades. **Forbes**, 2020. Disponível em: <https://forbes.com.br/principal/2020/04/adaptacao-a-pandemia-como-3-companhias-estao-conseguindo-superar-as-adversidades/>. Acesso em: 08 jun. 2024.

TEIXEIRA, L. P; CARVALHO, F. M. A. A construção civil como instrumento do desenvolvimento da economia brasileira. **Dialnet, Revista Paranaense de Desenvolvimento**. n. 109, p. 9–26, 2005. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4813503>. Acesso em: 19 jun. 2024.

VAN BELLEN, Hans Michael. **Indicadores de Sustentabilidade: Uma Análise Comparativa**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. 35-43 p. v. 2. ISBN 9788522510337. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/84033/189898.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2024.

VARGAS, J.; OLIVEIRA, M. E. G. de. Crise econômico-financeira mundial de 2008: contexto e efeitos sobre o setor da construção civil no Brasil (2003/2011). **Revista Catarinense de Economia**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 13-27, 2021.

ZANELLA, L. C. H. Metodologia da pesquisa. SEAD/UFSC, 2006. UDESC Disponível em: <https://www.atfcursosjuridicos.com.br/repositorio/material/3-leitura-extra-02.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2024.